

A MORTE (1935)

Dr. Fernando Antonio Nogueira Pessoa

Realizou-se ontem, para jazigo de família, no cemitério ocidental, o funeral do sr. dr. Fernando Antonio Nogueira Pessoa, solteiro, de 47 anos, natural de Lisboa, formado em Letras pela Universidade de Inglaterra, escritor e poeta muito conhecido no meio literário, filho do sr. Joaquim Sanchez Pessoa e da sr.^a D. Maria Madalena Nogueira Rosa e irmão da sr.^a D. Henriqueta Madalena Nogueira Pessoa Dias e dos srs. engenheiro Luiz, Miguel Nogueira Rosa e do dr. João Nogueira Rosa, ausentes em Inglaterra, e cunhado dos srs. Antonio Ferreira Gomes, secretário da Propaganda Nacional, e capitão Francisco C. Dias.



Dr. Fernando A. Nogueira Pessoa

O extinto colaborou na revista «Athenas», com Rui Vaz, e foi director da revista literaria «O Orfeu». No ano passado fôra premiado, em poesia, pela Sociedade Propaganda de Portugal.

No prestito incorporaram-se os srs. drs. Alfredo Guisado, Jaime Neves e Jaime Azanoal; Antonio Ferro, José Marques de Oliveira, Manassés Ferreira Seixas, Angelo Martins Fernandes, Pedro Rodrigues de Oliveira, Joaquim A. da Silva Vale Lobo Fernandes, Mortinho da Silva Rodrigues, F. R. Dias, Raul Narciso da Costa, D. Sara Felix da Cunha, Armando Costa, F. N. Gouveia, A. Allem, Angelo Duarte da Silva Ramos, Vitor de Carvalho, Fernando da Silva, Martinho de Almeida, Afonso Lucas, Francisco Costa, Albertino Soares, Nogueira de Brito, José Castelo de Moraes, João Soares da Fonseca, Silva Tavares, Antonio Pedro, Raul Leal, José Rato de Carvalho, Moutinho de Almeida, Armando Ferreira Rebelo, Antonio da Silva, Rozendo Jesus, Diogo Osorio Ferreira Rebelo, José de Almeida Roque, José Bento dos Reis, Manuel Serras, Francisco Moreira da Silva Roque, José da Costa Freitas, Eduardo Freitas da Costa, Fernando da Mota Gomes Silveira, Antonio de Sousa, J. Araujo, Artur Narciso da Costa, Augusto Ferreira Gomes, Vitoriano Braga e Augusto Santa Rita.

Junto do jazigo, falou o sr. Luiz Montalvôr, enaltecendo as qualidades do extinto. Sobre o ataúde foram depositos vários ramos de flores naturais.

O SÉCULO
3/12/1935

MORREU FERNANDO PESSOA grande poeta de Portugal

Fernando Pessoa, o poeta extraordinário da «Mensagem», poema de exaltação nacionalista, dos mais belos que se têm escrito, foi ontem a enterrar.

Surpreendeu-o a morte, num leito cristão do Hospital de S. Luiz, no sábado à noite.

A sua passagem pela vida foi um rastro de luz e de originalidade. Em 1915, com Luiz de Montalvor, Mario de Sá Carneiro e Ronald de Carvalho — estes dois já mortos para a vida — lançou o «Orfeu», que tão profunda influencia exerceu no nosso meio literario, e a sua personalidade foi-se depois afirmando mais e mais. Do fundo da sua «tertulia», a uma mesa do Martinho da Arcada, Fernando Pessoa era sempre o mais novo de todos os novos que em volta dele se sentavam. Desconcertante, profundamente original e estruturalmente verdadeiro, a sua personalidade era varia como vário o rumo da sua vida. Ele não tinha uma actividade «una», uma actividade dirigida: tinha multiplas actividades.



Fernando Pessoa

Na poesia não era só ele; Fernando Pessoa; ele era também Alvaro de Campos e Alberto Caeiro e Ricardo Reis. E era-os profundamente, como só ele sabia ser. E na poesia como na vida. E na vida como na arte.

Tudo nele era inesperado. Desde a sua vida, até aos seus poemas, até à sua morte. Inesperadamente, como se se anunciasse um livro ou uma nova corrente literaria por ele idealizada e vitalizada, correu a noticia da sua morte. Um grupo de amigos conduziu-o ontem a um jazigo banal do cemitério dos Prazeres. Lá ficou, vizinho de outro grande poeta que ele muito admira.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
3/12/1935

Fernando Pessoa

Realizou-se, hoje, o funeral do poeta Fernando Pessoa, ontem falecido, autor insigne do Orfeu, cuja morte causou dolorosa impressão nos meios intelectuais. De espirito critico admirável, Fernando Pessoa contava 47 anos de idade. Deixa uma extensa obra quasi toda inédita e na sua maioria nas linguas portuguesa e inglesa.

COMÉRCIO DO PORTO
3/12/1935

rava, junto do seu querido Cesario, desse Cesario que ele não conhecera e que, como ninguém, compreendia.

Se Fernando Pessoa morreu, se a materia abandonou o corpo, o seu espirito não abandonará nunca o coração e o cerebro dos que o amavam e admiravam. Entre eles fica a sua obra e a sua alma. A eles compete velar para que o nome daquele que foi grande não caia na vaia comum do esquecimento.

Tinha 47 anos o poeta que ontem foi a enterrar. Quarenta e sete anos e um grande amor à Vida, à Arte e à Beleza. Quando novo, acasos do Destino, a que ele obedecia inteiramente—Fernando Pessoa teosofo, cristão, que conhecia todas as setas religiosas e as negativistas, pagão como só os artistas sabem ser, Fernando Pessoa obedecia cegamente ao Destino—levaram-no para a Africa do Sul. E na Universidade do Cabo cursou o inglês. E de tal maneira estudou a lingua que Shakespeare e Milton immortalizaram que, anos passados, apresentava aos «cercos» literarios da serena Albion quatro livros de poemas—«English Poems», I, II, III, IV; «Antífonas» e «35 Sonnets». E num concurso de lingua inglesa alcançou o primeiro prémio.

Depois uma vez em Portugal, a sua actividade literaria aumentou. E' de então que data a sua colaboração na «Aguia», onde o seu messianismo metafísico, num célebre e elevado estudo, anunciou o aparecimento do Super-Cambes da literatura portuguesa.

1915. «Orfeu». Movimento intenso de renovação. Entretanto, colabora no «Centaurio», «Exilio», «Portugal Futurista», «Contemporanea». Começa a ser amado e compreendido.

1924. Funda com Rui Vaz a revista «Athenas». Depois, de então para cá, a sua actividade multiplica-se. Colabora em revistas modernistas, como «Presença», «Momento» e, há um mês ainda, no «Sudoeste», que Almada Negreiros fundou com notavel desassombro. Traduziu Shakespeare e Edgar Poe. Estas são, em linhas muito esquematizadas e gerais, as obras que definem a sua personalidade. Quem o quiser compreender folheie a sua obra vasta e dispersa. Começará a amá-lo.

Da capela do cemitério dos Prazeres, para jazigo de família; cerca das onze horas de ontem, partiu o corpo do grande poeta. Alguns amigos de sempre acompanharam-no. Foram eles, pelo «Orfeu», Luiz de Montalvor, Antonio Ferro, Raul Leal, Alfredo Guisado e Almada Negreiros; pela «Presença», João Gaspar Simões; pelo «Momento», Artur Augusto e José Augusto, e Ferreira Gomes, Diogo de Macedo, dr. Celestino Soares, Antonio Boto, Castelo da Moura, João de Sousa, Fonseca, dr. Jaime Neves, Antonio Pedro, Albino Lapa, Silva Tavares, Vitoriano Braga, Augusto de Santa-Rita, Luiz Pedro, Luiz Moita, Manuel Seras, dr. Boto de Carvalho, Rogério Perez, Celestino Silva, Talmo Felgueiras, Nogueira, dr. Ercio, Dante Silva Ramos, Carlos Queiroz, Mario de Barros, dr. Rui Santos, Marques Matia, Gll Vaz, Luiz Teixeira e poucos mais.

O sr. capitão Caetano Dias, cunhado do poeta, representava a família.

Em frente do jazigo que Fernando Pessoa passou a habitar, Luiz de Montalvor, seu companheiro de 34 anos de vida literaria, preferiu simples e emotivas palavras em nome dos sobreviventes do grupo do «Orfeu».

E disse:

«Duas palavras sobre o transito mortal de Fernando Pessoa.

«Para ele chegam duas palavras, ou nenhuma. Preferível fóra o silencio, o silencio que já o envolve a ele e a nós, que é da estatura do seu espirito.

«Com ele so está bem o que está perto de Deus. Mas também não deviam, nem podiam, os que foram pares com ele no convívio da sua Beleza, vê-lo descer à terra, ou antes, subir, ganhar as linhas definitivas da Eternidade, sem enunciar o protesto calmo, mas humano, da raiva que nos fica da sua partida.

«Não podiam os seus companheiros de «Orfeu», antes os seus irmãos, do mesmo exilho, deixá-lo aqui, na terra extrema, sem ao menos terem desfolhado, sobre a sua morte gentil, o lirio branco do seu silencio e da sua dor.

«Lastimamos o homem, que a morte nos rouba, e com ele a perda do prodigio do seu convívio e da graça da sua presença humana. Somente o homem, é duro dizê-lo, pois que ao seu espirito e ao seu poder criador, a esses deu-lhes o Destino uma estranha formosura, que não morre.

«O resto é com o génio de Fernando Pessoa».

Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Barata.